

## **A**QUISIÇÃO BILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS POR UMA CRIANÇA CODA

**Aline BRANCALIONE<sup>1</sup>**  
**Mirélia Flausino VOGEL<sup>2</sup>**  
**Anselmo Pereira de LIMA<sup>3</sup>**

**Resumo:** A pesquisa em fase de construção tem por objetivo principal relatar, pelo olhar da mãe, de identidade surda política, fluente e graduada em Libras, o processo de aquisição da linguagem pelo filho, uma criança ouvinte, num contexto de educação bilíngue: Libras e Língua Portuguesa. Os filhos ouvintes de pais surdos são conhecidos pelo acrônimo da sigla inglesa CODA – Children of Deaf Adults. Eles formam uma comunidade internacional dos filhos ouvintes de pais surdos, cuja primeira língua é a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras. A pesquisa contempla estudos bibliográficos e pesquisa de campo. Para alcançar seu objetivo o estudo adota como fundamentação teórica a teoria Vigotskiana e de seus colaboradores, os quais apresentam estudos sobre o desenvolvimento humano e da linguagem. Espera-se com a realização deste trabalho, contribuir nas investigações sobre a aquisição bilíngue dos CODAs, assim como fornecer à comunidade surda brasileira dados relevantes sobre o assunto pesquisado.

**Palavras-chave:** Educação Bilíngue, Libras-Português, Pais surdos, CODAs.

**Abstract:** The research in the construction phase has as main objective to report, through the mother's view, with a deaf political identity, fluent and graduated in Libras, the investigation of the process of language acquisition by the child, a child listener, in a context of bilingual education: Libras and Portuguese Language. Hearing children from deaf parents are known by the acronym CODA - Children of Deaf Adults. They form an international community of children who listen from deaf parents, whose first language is the sign language, in the case of Brazil, to Libras. The research includes bibliographical studies and field research. In order to reach its objective the study adopts as theoretical foundation the Vygotskian theory and of its collaborators, who present studies on human and language development. It is hoped that this work will contribute to the investigation of the bilingual acquisition of CODAs, as well as to provide the Brazilian deaf community with relevant data on the researched subject.

**Keywords:** Bilingual Education, Libras-Portuguese, Deaf Parents, CODAs.

Recebido em 31-01-2017

Aceito em 18-05-2018

<sup>1</sup> Professora Permanente do Magistério superior, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. E-mail: [alineb@utfpr.br](mailto:alineb@utfpr.br)

<sup>2</sup> Professora Permanente do Magistério Superior, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR e-mail: [mirelia@utfpr.edu.br](mailto:mirelia@utfpr.edu.br)

<sup>3</sup> Professor Associado, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR e-mail: [anselmo@utfpr.edu.br](mailto:anselmo@utfpr.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Quando fiquei jovem, comecei a desenvolver o interesse sobre as crianças CODAs. Observava a relação entre pais surdos e crianças ouvintes e queria saber qual a língua dominante dos filhos ouvintes no cotidiano. Assim, fui observando que os próprios pais surdos influenciavam os filhos CODAs a aprenderem primeiramente a Língua Portuguesa, porque tinham preocupação de que se este aprendizado ocorresse tardiamente, poderia comprometer o seu desenvolvimento. Poderia ser que as crianças perdessem o interesse pela língua materna dos pais surdos. Alguns ouvintes faltam de conhecimento a cultura surda e um mundo e duas línguas maternas. Afirmado que as crianças capacidade duas línguas e duas culturas e sem atrapalha o desenvolvimento da linguagem.

Vygotsky (1989) afirma que:

[...] o desenvolvimento cognitivo das crianças é construído a princípio por processos biológicos, em seguida orientado por interações sociais que favorecem o desenvolvimento das habilidades cognitivas. Aprender não é o mesmo que desenvolver. Contudo, para aprender é preciso desenvolver. O processo do desenvolvimento do pensamento infantil vem em decorrência do social. Começa do social para o individual tendo como pressuposto a interação (VYGOTSKY, 1989, s.p.).

O desenvolvimento cognitivo é construído a língua materna é primeira Libras por pais surdos convive em casa. Segunda língua adquire com social para interação a falada.

Aos vinte e quatro anos me casei com um surdo e assim que descobri que estava grávida do meu primeiro filho, como casal surdos também tivemos a inquietação sobre qual a melhor L1 para o nosso bebê e assumimos o compromisso de, quando o filho nascer, sendo ele ouvinte ou surdo, nós ensinaríamos a ele como (L1) primeira língua, a língua materna da família, a língua de sinais brasileira, e depois, na relação com

familiares e amigos ouvintes ele aprenderia também, naturalmente, a Língua Portuguesa como segunda língua (L2). Para Quadros (1996, p.1),

Qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita, representam possíveis manifestações da faculdade da linguagem<sup>1</sup>. Assim, a aquisição de uma L1 e/ou de uma L2, independente da modalidade, envolve processos internos. Tais processos são determinados pela capacidade para linguagem específica dos seres humanos e apresentam uma sequência natural. É por essa razão que se torna possível identificar processos comuns de aquisição de qualquer língua (falada, sinalizada e/ou escrita).

Deste modo, quando meu filho nasceu, nós preparamos a estimular o filho ouvintes através comunicação pela língua de sinais. Desde o tempo, primeiros dias de vidas, iniciando a aquisição da Libras pelo meu filho, cujo nome é GABRIEL.

Eu e meu marido nascemos ouvintes e após ficamos surdos, caso doenças. Eu nasci ouvinte, com 9 meses ficava febre altas e levou-a na consulta e dou o remédio errado e perdeu audição. O Pai mesmo era ouvinte, avó paterna acreditou que ele pegou a doença pela meningite, em mais ou menos seis meses de vida, perdeu a audição.

Como vivemos agora? Somos normalmente a vida, fluência a Libras, formandos da graduação e pós-graduação. Ele trabalha os professores da Libras, uma professora universitária e outro um professor estadual.

Nesse estudo, principalmente o focado Vygotsky (1989/1993) e Quadros (1997), investigação e observação sobre aquisição a linguagem de crianças e também à Libras. A linguagem é o principal instrumento de desenvolvimentos das funções complexas do pensamento, como memória e abstração. Para Vygotsky (1993, p.44), “[...] o crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”.

Quando a infantil domina a linguagem ocorrem transformações no modo de forma relação com seu central, das novas formas de comunicação e de organização de

pensamento que são estimuladas pelo uso da linguagem. O caso das crianças ouvintes de pais surdos, na aquisição da linguagem e da sua língua de sinais pelos pais aos seus filhos de forma natural, prontamente que o ambiente linguístico é saudável para essa aprendizagem e sem barreiras de comunicação.

Segundo Laborit (1994, p. 9), explica dessa forma com seu ponto de vista sobre emprega o termo ‘natural’:

Utilizo a língua dos ouvintes, minha segunda língua, para expressar minha certeza absoluta de que a língua de sinais é nossa primeira língua, a nossa, aquela que nos permite sermos seres humanos ‘comunicadores’. Para dizer, também, que nada dever ser recusado aos surdos, que todas as linguagens podem ser utilizadas, sem gueto e sem ostracismo, a fim de se ter acesso à vida (LABORIT, 1994, p. 9).

Para Quadros e Karnopp (2004) e têm os vários pesquisadores, descrevem a Língua de Sinais Brasileiras – Libras, como uma língua que tem regras de organização gramatical em todos os níveis: fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Por ser uma língua minoritária, sinalizada por um grupo específico: surdos, famílias, interpretes e professores bilíngues, ainda existem mitos em relação ao status de língua verdadeira da Libras. É equivocada considerada somente uma mímica.

A pesquisa de focada no CODA, meu filho Gabriel, primeiros anos de vida até 5 anos. Eu fiz filmagens de vídeos que Gabriel sinalizando, quando começa a primeiro sinal, duas palavras combinações, aquisição as bilíngues e biculturais, bem assim, observei a qual dificuldade a relacionar com sociedades e histórico-cultura. Todas partes de capítulos, faixas de idades, o desenvolvimento da aquisição de linguagem e relato de experiências pela mãe surda estudando de mestrado com meu filho.

## **O INÍCIO DA AQUISIÇÃO BILÍNGUE PELO CODA**

A aquisição bilíngue Libras/Português pelo meu filho CODA<sup>4</sup> iniciou pela comunicação com seus pais surdos através da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e com os membros ouvintes da família, uma tia e avós maternos e avó paterna, através da Língua Portuguesa.

Desde o seu nascimento em 17 de abril de 2011 até os dias de hoje a comunicação entre os pais surdos e o filho ouvinte-CODA se estabeleceu através da Libras. Já nos primeiros dias de vida nos preocupamos em usar somente a Língua de Sinais e começamos a estimular o bebê ao contato visual, frente a frente, porque queríamos que o filho aprendesse o contato pelos olhos, que prestasse atenção à nossa forma de comunicação e também se acostumassem a olhar e a interagir conosco somente através do uso dos sinais.

O aspecto visual é umas das principais características culturais do “ser” surdo. Assim, era muito importante fortalecer esse aspecto na criança, para que ele, desde os primeiros dias de vida aprendesse a entender o mundo e a se comunicar conosco também pela visão.

Entre o povo surdo o contato visual e a comunicação pelo os olhos é utilizada em substituição à audição. Essa experiência visual faz parte da construção de sua identidade e cultura. Assim, no dia a dia, estimulamos e treinamos o nosso filho ouvinte a desenvolver, junto à compreensão da Libras, às percepções visuais, já que a fala e a audição não são utilizadas em nosso grupo familiar.

Para isso foi indispensável o olhar frente a frente, e a continua repetição dos sinais. Fui percebendo que a atenção do bebê foi se voltando cada vez mais para as minhas mãos e, a partir daí, qualquer movimento de mãos que eu fazia chamava a atenção dele e com a repetição dos sinais a aquisição da Libras foi acontecendo.

<sup>4</sup> O termo CODA – Children of Deaf Adults, traduzido para o Português como Filhos Ouvintes de Pais Surdos.

Cada dia era uma nova aprendizagem pelo bebê. Comecei, junto com o pai, a estimular o nosso filho CODA a perceber a nossa forma de comunicação através de pequenas frases do dia a dia, como mostra os SINAIS a seguir:

**Figura 1** – Antes e Depois



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

Este foi um dos primeiros sinais sinalizados para Gabriel. A Letra “G” (Datilologia), para indicar o nome dele. Mas, aos sete meses, Gabriel foi batizado pelo pai em Libras, com outro sinal que representará para sempre o seu nome, na Comunidade Surda.

Sinais do dia a dia:

**Figura 2** – Oi



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 3** – Bom dia



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 4** – Boa tarde



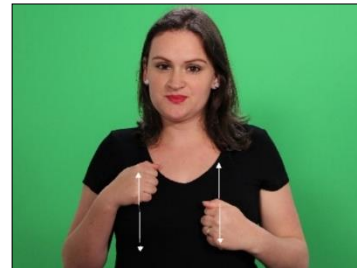
Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 5** – Boa noite



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 6** – Tomar banho



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 7** – Mamar



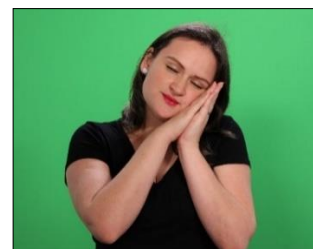
Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 8** – Cheiro mal



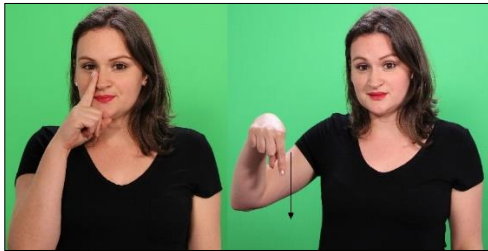
Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 9** – Dormir



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 10 – Mamãe aqui**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 15 – Por que chorar?**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 11 – Mamãe amar você**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 12 – Papai chegar**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 13 – Vov@**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

**Figura 14 – O que foi?**



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

## **O DESENVOLVIMENTO VISUAL PELA CRIANÇA CODA**

Eu acredito que o desenvolvimento visual pela criança CODA é muito importante para a convivência com os seus pais surdos, usuários da Língua de Sinais e na vivência com a cultura surda e comunidade surda. Os pais surdos precisam, desde o berço, influenciar o bebê às experiências visuais.

Os autores surdos Perlin e Miranda afirmam que:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. [...] (PERLIN; MIRANDA, 2003 apud STROBEL, 2008, p. 39).

Strobel (2008, p. 38) concorda e diz que o sujeito surdo percebe o mundo através dos seus olhos.

O primeiro artefato<sup>5</sup> da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade? (STROBEL, 2008, p. 38)

Assim, mesmo sabendo que meu filho era ouvinte, pensei em torná-lo mais próximo à cultura surda da família, à cultura visual, e comecei a treiná-lo para que se tornasse mais visual e menos ouvinte, o que facilitaria a nossa comunicação e o seu desenvolvimento no contexto da surdez.

A pesquisadora Perlin, que é surda, afirma sobre a cultura surda que

A cultura como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho *status* social representado para o surdo: o surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usante da cultura ouvinte. A cultura ouvinte no momento existe como constituída de signos essencialmente auditivos (PERLIN, 1998, p. 56).

Eu tentava estimular o contato visual no dia a dia, mas o bebê ouvinte estava cercado de vários sons: o barulho da TV ligada, das pessoas que falavam ao redor, dos pássaros cantando, dos carros que passavam na rua.

Segundo a autora Karnopp

O input visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é o olhar fixo do bebê surdo na face da

mãe/pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do ‘apontar’ são aspectos relevantes para o desenvolvimento linguístico da criança (KARNOPP, 2004, p. 82).

Sacks (1998) afirma que os sujeitos surdos usuários da língua de sinais mostram-se muito competentes na capacidade visual e completou que a pessoa surda “pode desenvolver não apenas a linguagem visual, mas também uma especial sensibilidade e inteligência visual” (p. 118).

E essa inteligência visual foi perfeitamente absorvida pelo meu filho CODA, ele foi desenvolvendo a sua comunicação através de muito contato visual, expressões facial e corporal que eu utilizava, aproveitando, principalmente, os momentos da amamentação.

Segundo Vygotsky (2001),

Todo individuo nasce com condições e capacidades para aprender, guardar informações e adquirir conhecimento. O aprendizado passa a fazer parte da vida de um ser humano assim que ele nasce, por meio das interações e mediações (VYGOTSKY, 2001, p.44).

É importante que os pais estimular com os bebês estiver perceptivo aprofundamento os objetos ou as figuras no campo, conseguirem adquirir o desenvolvimento cognitivo e já nasce aprendida e os pais ou outras as pessoas não precisam ensinar e apenas principal o que deve olhar. Portanto, o bebê já começou a olhar o movimento o desenvolvimento a linguagem completa, essencial que perceptivo é muito valorização do que outro sentido. Também o bebê com estimulação visual ou a prática o desenvolver mais rápido da coordenação olho e mão, a ambiente novo conhecimento, que conseguir pegar ou perceber a aprendizagem. Acreditei certamente que desenvolvimento visual e perceptivo é muito mais importância que os bebês CODAS e os

seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. (STROBEL, 2008, p. 37).

<sup>5</sup> [...] o conceito “artefatos” não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem

bebês surdos, entretanto, os bebês surdos e pais surdos ou pais ouvintes sabiam a língua de sinais do menos sem saber a língua.

O Gabriel é muito esperto e mais visual do que comunidade surda, mãe falou que verdade. Nem acreditou, estava admirada. Então, uma manhã mãe e filho estavam assistiram TV programa “Dora Aventureira” para criança, apareceu a Bicha-Preguiça, mas ele não sabe sinal, dou sinal (CM) para ele. Mas percebeu a cara dele expressão facial que “duvida”, rápido responde.

- Filho disse: VOCÊ ERRADA.

Mãe pergunta: Por quê?

Porque Bicha-Preguiça tem três dedos, fez sinalizou (CM). Filho respondeu.

Mãe expressão admirada, não percebeu nada, como ele é criança e ouvinte mais visual forte do que comunidade surda. Porque dicionário de Libras completo sinal Bicha-Preguiça (CM) são dois dedos, como comunidade surda não percebeu visual a imagem animais e como criança ouvinte consegue forte visual. Esta interessa.

## ANÁLISE

Como primeira análise posso dizer que foi muito importante estimular o bebê, desde os primeiros dias de vida, ao uso da língua de sinais, a língua materna da família e ao contato visual. Assim, mesmo dentro de um mundo sonoro, o CODA foi, naturalmente, desenvolvendo a experiência visual e assumindo mais e mais a identidade e cultura surda.

O bebê foi entendendo a sinalização dos pais no cotidiano e os sinais da Libras, como por exemplo: comer, banho, dormir. Foi aprendendo as diversas ações dos pais, através das sinalizações e expressões faciais como sorrir, chorar, afirmar e perguntar. Esse desenvolvimento da aquisição da Libras pode ser bem percebido, porque quando chegava à minha casa pessoas ouvintes que falavam com o bebê, ele dava mais atenção às mãos e ao rosto das pessoas do que à sua voz. Isso para nós, pais surdos foi muito importante e nos motivou a continuar estimulando o nosso filho à aprendizagem da língua de sinais, que seria a sua L1, primeira Língua.

## INTERFERÊNCIA DA PARTE OUVINTE DA FAMÍLIA NA ATENÇÃO DO CODA: COMPETIÇÃO SOM VERSUS IMAGEM

Depois que eu tive meu filho, eu fiquei na casa dos meus pais até o bebê completar três meses e meio, em função dos cuidados para com ele, já que eu era surda e bem inexperiente e se tratava do meu primeiro filho.

Os avós maternos e uma tia que auxiliavam nos cuidados a ele são ouvintes e dominam bem a Libras. Na casa dos avós sempre havia muito som e barulho, então o bebê começou a mostrar-se curioso com os diversos tipos de sons, e à forma dos ouvintes se comunicarem com ele usando a fala e alguns gestos para lhe chamar a atenção.

Como eu e o pai só usávamos a Libras para nos comunicar com o nosso filho, os avós e a tia se preocuparam em estimular a oralidade, a fala do bebê e a sua audição, devido ao medo de, sendo ele ouvinte, ocorrer algum comprometimento no desenvolvimento da sua linguagem. Assim, a família ouvinte começou a trabalhar com ele alguns estímulos a fim de chamar-lhe a atenção. Usavam diversos tipos de vozes, batiam palmas, ligavam sons em brinquedos para bebês, cantavam para ele canções de ninar e etc.

Um dia, eu estava sozinha no quarto com o bebê e comecei a interagir, conversar com ele sinalizando com as mãos – Libras, conforme sempre fazia. Porém, levei um susto. Meu filho não me deu a menor atenção, virando o seu rostinho para os diversos lugares de onde vinham alguns sons. A partir deste dia, e mais exatamente, quando ele completou três meses, percebi que ele começou a dar mais **atenção** aos sons que ouvia e à fala das pessoas do que à comunicação com os pais através dos sinais e da visão. Fiquei muito triste e apreensiva e sem saber o que exatamente fazer. Chamei meu marido e expliquei a ele o que aconteceu e foi então que decidimos que, como pais, era mais importante para nós que o nosso filho CODA continuasse firmando a sua atenção à língua de sinais e aprendendo

a se comunicar conosco somente através dela. Então, chamamos a família, conversamos e pedimos que eles se comunicassem com o bebê, utilizando o Português falado e a Libras – **Comunicação Bimodal** - assim Gabriel iria adquirindo as duas línguas com duas modalidades distintas, uma língua sinalizada e uma língua falada, o que contribuiria para que ele não se perdesse ou se desinteressasse pela forma de comunicação para com os pais surdos.

A família respeitou a nossa decisão e a partir de então só utilizou a Comunicação Bimodal com o bebê. Eu percebia que ele prestava muito atenção também a essa forma de comunicação que produz simultaneamente a fala e os sinais.

## AS VÁRIAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

A história da educação dos surdos mostra que houve diversas formas de realizar a comunicação com os surdos. Dentre eles destacam-se o oralismo, a comunicação total, o bimodalismo, bilinguismo e Língua de sinais.

O bimodalismo ou português sinalizado consiste no uso simultâneo de sinais e da fala, obedecendo à estrutura da língua oral.

Essa forma de comunicação surgiu na década de 70, como um dos métodos da Comunicação Total, esta que na expectativa de acabar com o oralismo, defendia todos os meios que pudessem facilitar a comunicação entre ouvintes e surdos.

Hoje, a maioria dos autores da área da surdez mostra-se contrário ao uso da comunicação bimodal.

Para Gorski e Freitag (2010),

O uso simultâneo entre as duas línguas (línguas falada e português sinalizado), apesar de proposto pela comunicação total, não tem respaldo teórico. Na verdade, tal conciliação nunca foi e nem poderia ser possível, devido à natureza extremamente distinta das duas línguas em questão. Sendo assim, não demorou muito para que a comunicação total cedesse lugar ao bilinguismo (GORSKI; FREITAG, 2010, p. 17).

Goes reitera a ideia de que:

[...] o uso simultâneo de uma língua oral e uma língua de sinais é impraticável se se quer preservar a estrutura das duas. E chama a atenção para outro indicador da impossibilidade de ajuste fala-sinais: a plena simultaneidade não poderia existir também porque expressões faciais e movimentos da boca, que estão implicados em muitos sinais, são incompatíveis com a articulação oral das palavras a eles correspondentes (GÓES, 1994, p. 159).

Porém existe também a concepção de que os CODAs representam um grupo de bilíngues bimodais, pois seus pais usam uma língua sinalizada e moram num país onde se usa uma língua falada, são bilíngues por falar em duas línguas e bimodais por se tratar de línguas de diferentes modalidades, ou seja, no caso do Brasil, a Libras e o Português.

Segundo Petitto et al. (2001, apud Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p. 381)

As crianças bilíngues são sensíveis ao interlocutor, ou seja, escolhem a língua alvo de acordo com quem está interagindo. No caso específico das crianças bilíngues bimodais, as pesquisas verificaram que o desenvolvimento linguístico é alcançado em cada língua, de forma consistente, assim como observado em crianças bilíngues mono-modais (PETITTO et al., 2001 Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p. 381).

Nesse estudo as autoras ainda concluíram que:

(5) não há necessidade de criação de mecanismos específicos para explicar o comportamento de bilíngues bimodais e bilíngues unimodais; (6) a aquisição da linguagem em crianças bilíngues bimodais acontece por meio das duas línguas de forma análoga a de crianças bilíngues unimodais; (7) as diferenças decorrentes do desenvolvimento bilíngue bimodal estão relacionadas com a diferença na modalidade, ou seja, parecem ser exclusivas da interface articulatória-perceptual; (8) bilíngues



bimodais com implante coclear com acesso à língua de sinais e à língua falada precocemente apresentam um desenvolvimento análogo ao observado em crianças bilíngues bimodais; (9) as línguas estão sempre disponíveis aos bilíngues e podem ser acessadas de forma alternada ou simultânea, neste último caso, se forem em modalidades diferentes. (PETITTO et al., 2001 Quadros, Lillo-Martin e Chen-Pichler, 2013, p.387)

Mas para mim e meu esposo, fazer com que a família ouvinte usasse a comunicação bimodal foi melhor forma que encontramos para que o filho CODA não perdesse a atenção à Libras.

A pesquisa verificação sobre imagem e som e também dos pais surdos comentaram a acreditar que essencialmente na aplicasse a imagem o visão geral para chama atenção de a criança a aquisição da linguagem e a construção do cérebro de cognitivo cada vez, “A visão tem importância primordial em todos os aspectos de nossa vida cotidiana” (FARRONI, 2013). Bem como, está à importância que o filho CODA praticar do som, porque ele é ouvinte deveu reconhecimento nos sons e vozes, o principalmente que primeiro lugar aprender o olhar/visão e em seguindo a som/vozes. De acordo autores demonstrassem:

Segundo Schirmer et al (2004) a criança ao nascer, utiliza o choro, que é a primeira forma de comunicação na qual poderá ser estimulada com sons e vozes. Ela tem também a habilidade de usar o olhar, a expressão facial, e o gesto para se comunicar com os outros, além de poder discriminar precocemente os sons da fala. [...] (CAVALCANTI e ROLDÃO, 2014).

Característica da atenção que foi a humana, assim como começa a usar da percepção, o sujeito tem cada capacidade de desenvolvimento a apreender do conhecimento sócio-cultural e histórico, o nascer já possui uma espécie de atenção denominada por Vygotsky (2001) de instinto – reflexivo, ou seja, uma atenção involuntária, não intencional, guiada por

instinto e por estímulos fortes, como a luz e o som alto, dentre outros.

A criança estiver atenta ao ouvir o som, olhar diante as mãos movimentos, perceber de objetos coloridos em movimentos e também vira-cabeça rapidamente o perceber algo os indivíduos, ou seja, no ambiente encontra, ela conhecimento de desenvolvimento da atenção e reflexo a linguagem. Por interesse de Vygotsky (2001, p. 162):

Na fase inicial da vida, a atenção é de caráter quase exclusivamente instintivo-reflexo, e só gradualmente, através de um treinamento longo e complexo, transforma-se em atitude arbitrária que é orientada pelas necessidades mais importantes do organismo e, por sua vez orienta todo o desenrolar do comportamento (VYGOTSKY, 2001, p. 162).

É importante uma estimulação de processo a aprendizagem de o bebê, os pais surdos dê-o atenção espacial à comunicação visual: a língua de sinais, o objeto, o desenho, a figura e etc. como interação percepção e baseado apenas sua própria experiência, conhecimento de aprendizagem de desenvolvimento a linguagem. Como bem, o filho ouvinte necessita à atenção para adquirir linguagem um domínio das línguas sinais e faladas e capacidade de atenção é valorização do campo visual para meio de comunicação das pessoas surdas.

O desenvolvimento da atenção visual de crianças ouvintes e surdas no primeiro ano e meio de vida foram descritos por Spencer (2000), indicando que esta coordenação da atenção visual precoce está associada e potencialmente influenciada pela complexidade das interações, das experiências comunicativas e de outras habilidades do desenvolvimento. A valorização do canal visual como caminho intacto para a comunicação da criança surda é enfatizada por muitos autores (Lichtig et al., 2001; Spencer, Swisher&Waxman, 2004). Aprender a coordenar a atenção visual entre objetos e a comunicação dos pais é especialmente importante para que crianças surdas tenham acesso a informações lingüísticas (SPENCER,

2000; SPENCER, SWISHER; WAXMAN, 2004) (ALVES, 2009, p. 10).

Para Vygotsky, é relevante perceber a “língua não apenas como uma forma de comunicação, mas também como uma função reguladora do pensamento”.

## ANÁLISE

Com pouca dificuldade, e que chamar a atenção dos olhos de Gabriel para os pais surdos sinalizadores, e era fracasso, de tal forma que em casa do som que ele se mais atenção de audição com som menos que os olhos. Desde em três meses ficamos em casa dos avôs.

Mas, nós nunca desistimos que para estimulamos-lhes chamar a atenção com o Gabriel, sempre firmamento. Um dia vai mudar na casa de silêncio, ele vai aprender que como a conviver os pais em silêncio e seu sentimento que os ouvidos substituir os olhos. Em breve que como ele sentir e conhecer que ambiente de silêncio. Vou explicar o outro capítulo sobre atenção.

O Bimodalismo para avôs do Gabriel usassem ainda até hoje, mas não é só este e alguns usam a falada sem sinais. Nós só queríamos que avôs mostrassem de sinais/falada de o Gabriel percebeu a conhecer duas as línguas distintas para aprendizagem a aquisição da linguagem as línguas de sinais/oral. Depois troca o método que bilinguismo, aprender duas línguas sem simultâneo, por exemplo, sujeito surdo utiliza sinalizado e outro ouvinte utiliza falados ensinamento e correção à linguística de Libras e Português, às vezes ouvinte usa Libras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que até este momento, com os dados já alcançados, posso dizer que pesquisar a Aquisição bilíngue Libras-Português por crianças CODAs é muito importante, porque poderá contribuir com a comunidade surda, com pais surdos que possuem filhos ouvintes e com os próprios CODAs, em sua trajetória de vida e de participação na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves; ROLDÃO, Michelle Mélo Gurjão. Estudo da aquisição de linguagem oral e de sinais de uma criança ouvinte filha de pais surdos. In: Congresso Internacional de Educação e Inclusão, Campina Grande, 2014, **Anais...** CINTEDI. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. p. 1-11.

GÓES, Maria Cecila Rafael de. **A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal**. Dissertação de faculdade de Educação, UNICAMP, 1994.

GORSKI, Edair, FREITAG, Raquel Meister Ko. **Ensino de Língua Materna**. UFSC, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade e Distância, Florianópolis, CCE, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição da linguagem por criança surdos – investigações sobre o léxico**. ULBRA, v. 2, n. 1, p. 75 e 88, jan./jun. 2004.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS/FACED, Porto Alegre, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de; LILLO-MARTIN, Diane; PICHLER, Deborah Chen. **O que bilíngues bimodais têm a nos**

**dizer sobre desenvolvimento bilíngue?**

Francês, v. 48, n. 3, p. 380-388. 2013.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, 118 p.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem;** Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.